

O CANGAÇO NA LITERATURA DE JOSÉ LINS: UMA REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO SILVINO.¹

Deuzimar Matias de Oliveira²

O presente trabalho foi produzido a partir das pesquisas realizadas junto ao projeto PIBIC/UFCG/CNPq – 2007/2008, “Populares nos discursos da imprensa e da justiça na Paraíba – 1890-1920” e busca refletir acerca das relações sociais de conflito e sociabilidades ocorridas entre o cangaceiro Antônio Silvino e parte da população paraibana. Certos de que a literatura regionalista de José Lins do Rego nos possibilita a reflexão de diversos aspectos relacionados a vida socio-cultural paraibana, utilizamos como *corpus* documental básico para este estudo duas obras que compõem o “ciclo da cana”: *Menino de Engenho* e *Fogo Morto*. Para isso, buscamos um diálogo com Certeau no intuito de percebermos como Antônio Silvino utilizava-se do uso de “táticas” para permanecer vivo frente aos diversos conflitos sociais e às incansáveis batalhas com a polícia e os poderes socialmente legitimados.

O conceito de “tática” pode ser pensado aqui, a partir das relações de poderes presentes na sociedade, como algo que vai de encontro às idéias que são produzidas e introduzidas na sociedade de forma sistemática, pelos poderes legitimados. Deste modo, buscaremos pensar o cangaço neste sentido, tomando Antônio Silvino como um indivíduo que, num contexto em que se pretendia ou que se pensava num projeto de normatização para a sociedade, estando subordinado às autoridades políticas e institucionais e vivendo em condições precárias, utilizava-se de diversas artimanhas ou “táticas” de sobrevivência para burlar regras por meio do banditismo.

Assim, durante os anos que Antônio Silvino atuou como cangaceiro, a Justiça nos Sertões do Nordeste estava a cargo dos grandes fazendeiros e dos chefes políticos locais ligados às poderosas famílias, acreditamos que no período compreendido entre 1897 e 1914, não havia, e ainda não há hodiernamente, igualdade de direitos para todos. Injustiças ocorriam a todo instante. Só aqueles que por ventura cometessem algum crime e não estivessem sob uma parentela é que iriam para a prisão. Esta situação indignara Antônio Silvino que, uma vez no mundo do crime, resolveu vingar-se de todos os envolvidos na morte do pai, além disso, passou a ajudar os amigos em suas vinganças. Estava a fazer sua própria justiça.

Em várias imagens do romance *Fogo Morto* podemos observar o quão importante era a pessoa de Antônio Silvino para as pessoas mais pobres. Em uma delas, quando da passagem

1 Este trabalho foi apresentado no I Colóquio Internacional de História: Sociedade, natureza e cultura, realizado entre os dias 28 e 31 de Julho, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

2 Graduado em História, UFCG; Bolsista PIBIB/UFCG/CNPq - 2007/2008.

de um mascate, Pascoal Italiano, pela fazenda Santa Rosa, do coronel José Paulino, esse teria discutido com o negro José Passarinho. O fato é que, sem forças para brigar com Pascoal, José Passarinho dissera que o capitão Antônio Silvino o vingaria³. Boa parte da população sertaneja gostava de Silvino. Os crimes que cometia, estava dentro do seu pensamento de justiça.

Silvino agia diferente dos policiais, os quais, objetivando capturá-lo, prendia, espancava ou assassinava homens, mulheres e até crianças. O Tenente Maurício era um tipo bem representativo desse tipo de policial, “por onde passava, era como um pé-de-vento, assombrando os homens, como aquele oficial do 14, dos tempos do Quebra-Quilos, aquele de quem a sua mãe lhe falava como de um enviado do demônio”⁴.

Uma vez, a tropa do Tenente Maurício prendeu Vitorino Carneiro da Cunha, primo do coronel José Paulino, por ele ter se entrometido na perseguição que o chefe de polícia fazia a Antônio Silvino. Além da prisão, os policiais haviam batido no velho Vitorino da Cunha. Indignada com a situação, D. Adriana, esposa de Vitorino, exclamou: “- Que miséria. Dar num homem como Vitorino! Tenho fé em Deus que o Capitão Antônio Silvino me lava os peitos”⁵.

Outra questão levantada por José Lins e que teria incomodado bastante Antônio Silvino, foi a introdução de alguns símbolos ditos modernos naquela época, tais como: o trem, o telégrafo e o telefone. Silvino percebeu que tais elementos facilitaria sua perseguição por parte do Governo de modo que, com o auxílio do telégrafo, as notícias de seu paradeiro chegariam com mais velocidade ao comando da polícia e, conseqüentemente, as tropas o alcançariam rapidamente, através do trem. O que antes levava dias para locomoção de uma tropa da Capital do Estado para as localidades mais longinquas, depois da introdução desses elementos, era questão de horas. A imagem representada na obra *Fogo Morto* é bem elucidativa.

A imagem do Capitão Antônio Silvino apareceu na sua cabeça. Lembrava-se de de Alípio que ontem estivera lhe dando notícias do homem. Aquele apito de trem fizera pensar no Tenente Maurício. Este podia levar a sua gente para onde quisesse, correr de Itabaiana para o Ingá, em duas horas. Podia dispor da ligeireza do trem, enquanto o outro vencia sempre escondido, marchando no escuro.

Antônio Silvino sabia que tanto o telégrafo quanto as correspondências serviriam para dar conta de seu paradeiro. Deste modo, uma de suas principais táticas para impedir que

3 REGO, José Lins. *Fogo Morto*. 19. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. , p. 50

4 Idem, p. 210

5 Idem, p. 228

a polícia chegasse rapidamente aonde ele estivesse era cortar os fios de telégrafos assim que adentrava numa determinada vila ou município que tivesse o serviço. Assim, o fez em Cruz da Passagem, onde recolheu algum dinheiro e ordenou aos seus homens que cortassem os fios do telégrafo (DANTAS, 2006: 166); em Alagoa do Remígio, quando da invasão deste povoado paraibano o grupo de Antônio Silvino tomou a Repartição dos Correios e saqueou o cofre. Este “fato foi comunicado à Capital tão logo restabelecida a linha telegráfica, cortada anteriormente por um dos homens do bando” (DANTAS, 2006: 192); e, na Vila do Pilar, durante o ataque de fevereiro de 1907. Neste lugar, “os cangaceiros soltaram os presos, cortaram os fios do telégrafo da estrada de ferro e foram à casa do prefeito Napoleão para arrasá-lo”⁶.

As investidas de Silvino no território paraibano eram frequentes. Quando não cruzava o brejo, normalmente atuava na área limítrofe entre este Estado e o de Pernambuco. Sempre que cometia algum crime num desses Estados, de imediato evadia-se para outro vizinho, fugindo do cerco policial. Ele sabia que a polícia de um Estado não podia atuar noutro. Era mais uma de suas táticas para despistar policiais e confundir autoridades.

Além disso, Silvino recebeu muita ajuda de populares em várias localidades. Quando passava pela Vila de São João do Sabugi, rumo ao Rio Grande do Norte, normalmente visitava alguns populares, almoçava ou jantava na casa de um e outro. Em suas visitas, Silvino costumava conversar bastante com as pessoas. Bem humorado, falava de forma detalhista e mansa, não demonstrava ser a figura cruel representada cotidianamente nos jornais (DANTAS, 2006: 52). Essa afeição era verificada também entre as pessoas mais abastadas da região do agreste paraibano, como senhores de engenho e poderosos coronéis, os quais, o recebia com distinção.

Na Paraíba o cangaceiro tinha esconderijos extremamente seguros e confiáveis, espalhados por entre a vasta região entre Alagoa Grande e Ingá. Nessa Zona, vários figurões lhe davam apoio. Coronel Eufrásio Câmara, de Cabaças; o Major Virgílio Mendonça, do Pirauá e o Coronel Manoel Borba, em Mogeiro.(DANTAS, 2006: 77)

Por volta do ano de 1908, Silvino mandou um bilhete ao Coronel José Paulino, influente fazendeiro do Pilar, dizendo que lhe faria uma visita. Ao receber a notícia, a casa ficou em pânico, pois no ano anterior Silvino havia arrasado a casa do Comendador Joaquim Pio Napoleão, então prefeito daquela Vila, aonde

fora para receber o pagamento de uma nota falsa que o Coronel Napoleão lhe passara. E não encontrado o velho, vingara-se nos seus bens com uma fúria de vendaval. Sacudiu para a rua tudo o que era da loja, e quando não teve

mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo.⁷

Todavia, para as crianças, a presença de Antônio Silvino era como se fosse a de um rei de suas histórias que lhes marcava uma visita⁸, porém, não havia “perigo de espécie alguma. Antônio Silvino foi ao engenho em visita de cortesia”⁹. Todavia, Silvino não era o “super-herói” que recheava o imaginário das crianças e de boa parte dos populares. Durante a visita que fez à fazenda Santa Rosa, ele se desnuda perante Carlinhos. Não passava de um simples sertanejo que vivia do crime e fugindo da polícia. O próprio Carlinhos, narrador-personagem do romance, nos conta que o grupo de Antônio Silvino chegou à porta da casa-grande da Fazenda já de noite, com o chefe à frente e seus doze homens à distância¹⁰.

Subiu a calçada como um chefe, apertou a mão do meu avô com um sorriso na boca. Lavado para a sala de visita, os cabras ficaram enfileirados na banda de fora, numa ordem de colegiais. Só ele tomava intimidade com os de casa. Ficávamos nós, os meninos, numa admiração de olhos compridos para o nosso herói, para o seu punhal enorme, os seus dedos cheios de anéis de ouro e a medalha com pedras de brilhante que trazia no peito. O seu rifle pequeno, não o deixava, trazendo-o entre os joelhos. À hora do jantar foram todos para a mesa. Ele na cabeceira, e os cabras em ordem, todos calados, como se estivessem com medo. Só ele falava, contava histórias – o último cerco que os macacos lhe deram em Cachoeira de Cebola – numa fala de tataro, querendo fazer-se de muito engraçado¹¹.

Depois, esperaram até alta noite para irem embora, talvez isso fosse mais seguro e, se por ventura tivesse alguma emboscada da polícia, mais fácil de escapar. Assim, no momento propício, Silvino mandou alguns homens fazerem uma ronda do lado de fora da casa-grande, para verificarem se o caminho era seguro, cumprimentou o fazendeiro José Paulino e partiu com o grupo. Contudo, para as crianças que o tinha como herói, principalmente, para o Carlinhos, Silvino tinha perdido prestígio. É que, segundo Carlinhos, além da simplicidade e da fala bamba de Antônio Silvino, a arrogância e impetuosidade com que tratou seu avô não eram dignas de um herói¹².

No geral, pudemos observar que as relações sociais de conflito e de solidariedade ocorridas entre Antônio Silvino e alguns grupos sociais da Paraíba foram recorrentes do momento que estava sendo vivido e da necessidade de ambos os lados. Se Silvino precisou de populares ou de fazendeiros para sobreviver, ele também os ajudou na resolução de problemas relacionados à honra familiar, de questões de terras e/ou políticos. Além disso, percebemos

7 REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 28. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. p. 14

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem. p. 15

11 Idem.

12 Idem.

que a representação de Antônio Silvino feita por José Lins é bastante complexa, pois Silvino não aparece apenas como herói ou como bandido, ele é representado como possuidor diversas características dos tipos de banditismo, podendo ser pensado “macunaimicamente”. Isto é, como uma figura que, a exemplo de Macunaíma, de Mário de Andrade, é simplesmente inclassificável. Macunaíma é uma figura tão híbrida, tão misturada, que qualquer tentativa de enquadrá-la como nessa ou naquela identidade, é pura perda de tempo (PERRONE-MOISES, 2007: 188-209). É pensá-lo dentro de uma “zona de contato” (ver PRATT, 1999: 23-38) na qual várias imagens de banditismo se encontram. Antônio Silvino é um ser múltiplo, um mosaico constituído por inúmeros tipos de bandidos e de seres humanos que vão surgindo no decorrer de sua trajetória, mediante o momento, oportunidades, necessidades e dificuldades que lhe são impostas ou que lhe vão aparecendo.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas (1880-1925)*. Campina Grande: EDUFCG, 2006 (Coleção Outras Histórias nº 2)

_____. “Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)” In: VÁRIOS AUTORES. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003. p.

BURKE, Peter. “Unidade e variedade na história cultural”. In. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 231-267.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. V.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 9. ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL S.A., 1991.

HOBBSBAWM, Eric J.. *Bandidos*. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

PERRONE-MOISES, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRATT, Mary Louise. “Introdução: crítica na zona de contato”. In: *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 23-38

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 28. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980.

_____. *Fogo Morto*. 19. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.